

ISSO NÃO ME FALA MAIS NADA !¹ **(Sobre a posição do analista na direção da cura)**

Arlete Mourão

Essa frase do título corresponde à expressão utilizada por um ex-analisando na época do final de sua análise. Com ela, ele referiu-se à sua extinta demanda de “*precisar ser reconhecido pelos outros (Outro) para poder se sentir existindo (como sujeito)*”. A escolhi porque ilustra o ponto ao qual cheguei em uma revisão teórica sobre a dimensão das posições subjetivas – em particular da posição feminina.

Tratou-s de uma revisão desenvolvida com o intuito de pensar a posição do analista na direção da cura, em função de interrogações que me surgiram a partir de dois contextos: um, relativo às colocações feitas por Lacan, no seu *Seminário 10*, sobre a facilitação que existe para a mulher ao sustentar o “desejo do analista”; e outro, relativo à crítica que tem sido feita ao lacanismo de ter feminilizado a posição do analista, e até mesmo da Psicanálise, na qual se teria substituído uma clínica do Nome-do-Pai, mais ligada ao significante, ao simbólico (que inclui o sujeito e o desejo), por uma clínica do Real, do Sinthoma, mais ligada à dimensão do objeto, da letra, da escrita (que inclui o corpo e o gozo).

Tal revisão pode ser sintetizada sob três perspectivas do desenvolvimento teórico efetuado por Lacan:

1. Perspectivas teóricas iniciais²

No final dos anos 50 e durante os anos 60, “retornando a Freud”, Lacan fundamentou a dimensão da diferença sexual com base na lógica da Castração (lógica fálica) da seguinte forma:

- para o homem, passar pela Castração, pelo Édipo, significa se identificar metaforicamente com o Pai, na sua condição de ser o portador do Falo, ou seja, ele pode ser como o Pai, que tem o falo. Embora negativizado ($-\phi$), posto confrontar o sujeito com aquilo que ele não é, o falo fica no centro da estruturação do desejo masculino. Essa é a lógica fálica.

- para a mulher, na passagem pela Castração, a identificação se dá com a Mãe, enquanto aquilo que ela não tem, ou seja, a menina pode ser como a Mãe, que não tem o falo. Isso porque o falo entra na constituição de sua subjetividade e estruturação do seu desejo só num segundo momento e enquanto causa do desejo da Mãe (Outro). A dimensão mais determinante fica sendo a demanda de amor e não um gozo fálico, como o é para o homem.

Segundo Lacan, em seu *Seminário 10*, esse modelo de identificação e estruturação do desejo feminino, quando o sujeito se torna analista, permite-lhe “menos complicações”, pois se apóia em um “nó mais frouxo” com o desejo (do Outro). Isso quer dizer que para o sujeito, numa posição feminina, não há uma dependência tão essencial do gozo fálico, quanto há para o sujeito masculino, para quem o Outro é o fiador da falta fálica.

Era a isso que Lacan se referia quando fez as seguintes colocações no *Seminário 10*:

¹ Texto apresentado no *Simpósio do Rio de Janeiro – IPB*, em 18 de outubro de 2003. Constitui-se em uma versão revisada de trabalho apresentado anteriormente na I Jornada do Percurso Psicanalítico de Brasília, em dezembro de 2002.

² Perspectivas nas quais tomei por base bibliográfica o *Seminário 5, Formações do Inconsciente* (1957/58) e o *Seminário 10, A Angústia* (1963/64).

[...] *As mulheres se movem melhor na contratransferência e na prática da análise*³.

[...] *A mulher compreende muito bem o que é o “desejo do analista”*⁴.

[...] *Para a mulher, interessar-se pelo objeto do desejo do homem (do Outro), lhe traz muito menos complicações*⁵.

[...] *O domínio do gozo é o ponto onde a mulher mostra ser algo como que superior, justamente pelo fato de que seu laço com o nó do desejo é muito mais frouxo*⁶.

2. Perspectivas teóricas dos anos 70 (dimensão do Objeto)⁷

Embora nos anos 60 Lacan tenha desenvolvido a especificidade da posição feminina de forma bem menos ambivalente que Freud, ela continuou dentro de uma referência exclusivamente fálica, só que pela via do não ter. Aí, o protótipo do feminino era a histeria, condicionando a mulher a uma única solução (*normal*): ser mãe – ter um filho como substituto do falo paterno.

Foi especialmente com a teorização dos *Quatro Discursos* e das *Fórmulas da Sexuação*, que Lacan pôde retomar em outras bases o que já havia sido posto, de forma a especificar com maior rigor uma posição feminina.

Tratou de levar em consideração de forma mais radical, e dentro de uma perspectiva lógica, a dimensão do Real presente na subjetividade, tomada enquanto efeito de discurso. Assim, daquilo que escapa ao dizer, desse resíduo não simbolizável que se constitui no objeto a, pôde ser apreendida uma dimensão subjetiva que não depende do sentido (dado pelo Outro), estando fora da linguagem e, portanto, contemplando um gozo real, próprio da posição feminina – um gozo diferente do gozo do significante (gozo fálico, modelo da posição exclusivamente masculina).

Isso não quer dizer que não haja o gozo fálico para a mulher. Tal como o homem, ela se institui em função de uma falta no Outro, intermediada pelo objeto. Entretanto, além do fato de que esse objeto não é imaginarizado para ela, da mesma forma que para o homem (onde há a negativização do falo, -φ), sua passagem pela castração e sua inscrição na relação sexual não lhe são obrigatórias⁸, ou não lhe são a única alternativa. O signo da falta no Outro não se transforma, necessariamente, em significante. Isso porque, para ela, “todos são castrados”. Não existe a exceção fálica, fazendo com que uma parte do seu investimento libidinal – essa parte que não se dirige ao Um fálico – permaneça real.

Nessa perspectiva, a mulher constitui-se como “não toda” fálica, e seu gozo (feminino), como um Outro gozo⁹, diferente daquele organizado pela castração. Trata-se de um gozo real e suplementar ao gozo fálico – suplementar à falta de um significante: falta do significante d(A) mulher, “que não existe”¹⁰. Aí, mais que um simples apelo ao amor, há o apelo a alguma coisa mais radical, a um gozo que ultrapassa a dimensão do sujeito e constitui-se como uma “vertigem do absoluto”.

Esse desenvolvimento teórico pode ser resumido da seguinte forma:

³ Lacan, J., *A Angústia (1963-64)*, conferência de 6 de março.

⁴ Ibid.

⁵ Lacan, J., *A Angústia (1963-64)*, conferência de 13 de março.

⁶ Lacan, J., *A Angústia (1963-64)*, conferência de 20 de março.

⁷ Perspectivas nas quais tomei por base bibliográfica o *Seminário 17, O Avesso da Psicanálise (1969/70)*, o *seminário 20, Mais Ainda (1971/72)* e o texto *L'Étourdit (1972)*.

⁸ “*Eu não submeto as mulheres à obrigação de medir pela calçadeira da castração a encantadora baihã (Gaine = vagina em latim) que elas não elevam ao significante...*”. Lacan, J., “L'Étourdit”, p.18.

⁹ Que na literatura psicanalítica costuma ser confundido com *gozo do Outro*, próprio da posição histérica organizada pela castração.

¹⁰ O que se constitui como um “furo no Simbólico”.

- a *posição masculina* é aquela na qual, por existir “pelo menos um não castrado”, a identificação se faz com o significante fálico, caracterizando um “gozo do significante”¹¹ e uma lógica fálica. Tem-se, aí, o campo do simbólico, do significante.

- a *posição histérica* é aquela na qual, por não existir o significante d(A) mulher¹² (que poderia identificar o feminino), o sujeito busca uma identificação para o seu *ser* sendo para o Outro o que lhe falta¹³. Isso caracteriza um “gozo do Outro”¹⁴ e uma lógica fálica, complementar. Também, aí, o campo é o do significante; é o do sujeito.

- a *posição feminina* é aquela na qual, por haver uma parte do investimento libidinal que permanece real, o sujeito identifica-se a uma posição “não toda fálica”. Há, aí, uma identificação com a própria falta, condicionando um gozo real, Outro gozo¹⁵, que constitui uma lógica “não-toda”, suplementar, não organizada pela castração. Nessa posição, o campo já não é mais o do significante, mas é o da letra, o do objeto, enfim, o do Real.

Essas três posições não significam três estruturas subjetivas, mas apontam para duas possibilidades do posicionamento feminino, ambas marcadas pela cisão subjetiva própria do ser que fala (*Parlêtre*). Entretanto, uma se dirige à busca de sentido pela via do Outro, e a outra se dirige ao campo do objeto, da falta, pela via do Real (do corpo).

Minha tese atual é a de que nessa segunda vertente do posicionamento feminino é possível pensar a posição do analista.

Até então, eu achava que essa posição podia ser aproximada da posição da histérica, pois o analista coloca-se como semblante do “objeto a”, tal como o sujeito histérico, que se coloca como o “objeto causa desejo do Outro”. Isso mobiliza a transferência e o trabalho da associação livre – mobiliza o trabalho com o saber inconsciente contido nos significantes.

Entretanto, com a dimensão dos *Discursos* e das *Fórmulas da Sexuação*, essa possibilidade de aproximação não se sustentou, na medida em que o analista faz, sim, semblante do “objeto a”, mas, do objeto tomado em seu estatuto real, promotor de divisão, e não em seu estatuto imaginário de tampão da falta, como no caso da histérica.

Para o analista, fazer semblante do “objeto a” significa identificar-se com o lugar da falta, o que corresponde a uma posição feminina e não a uma posição histérica. Além disso, o analista não se dirige ao Outro (analizando) para que este o ame ou para que este produza um saber sobre sua identidade, tal como a histérica. O analista não busca no Outro (analizando) uma resposta para o seu ser.

Entretanto, não se pode desconsiderar que essa posição feminina descrita por Lacan no *seminário 20* é uma posição de gozo, do Outro gozo: mas será que se pode falar de gozo na posição do analista?

3. Perspectivas teóricas dos últimos seminários de Lacan (dimensão do *sinthome*)¹⁶

¹¹ Ou gozo fálico.

¹² Tal como o falo é o significante do masculino.

¹³ Já que não pode ser *A mulher*, resta ser *uma mulher* (para o Outro).

¹⁴ Ou gozo do ser.

¹⁵ Ou gozo do corpo, ou gozo infinito.

¹⁶ Perspectivas nas quais tomei por base bibliográfica o *seminário 21, Os não incautos erram* (1973/74 e 23) e o *seminário 23, O sinthome* (1976/77).

Então, há um gozo do Real (o Outro gozo). Com isso, Lacan pôde fundamentar uma outra dimensão da subjetividade relacionada a uma identificação ao “*sinthome*” e a uma necessidade de uma invenção de saber. O que isso quer dizer?

Isso quer dizer que, além da posição subjetiva do “ser”, que é aquela primeira teorizada por Lacan em função da lógica do significante (instituindo o inconsciente enquanto um saber e um discurso do Outro), existe a posição do “ter”, que não se refere a ter o falo, não institui um sujeito, mas instaura um saber sem sujeito.

Essa posição implica aquela da letra, teorizada por Lacan como *sinthome*. Decorre daquele resto de investimento libidinal que, no encontro do sujeito com o Outro, não foi redutível ao simbólico, ficando foracluído – ex-sistindo ao inconsciente. A meu ver, foi a isso que Lacan se referiu, em Joyce, quando disse que o indivíduo fica “desabonado do inconsciente”.

Esse resto fixa um gozo diferente do “gozo do ser”¹⁷ (gozo do sentido/*jouie-sens*), delimitando esse “Outro gozo”, que, a meu ver, pode ser chamado de “gozo do ter”. Trata-se de um gozo solitário, que não se dá em função do Outro. Ele se dá fora da dimensão do sentido, fora da linguagem, é impossível de dizer. Nele, ISSO NÃO FALA .

Segundo Lacan, esse gozo é sinônimo de uma identificação ao *sinthome*, à letra, ao S₁ que não se dirigiu ao S₂, não se transformou em significante, não se transformou em um saber do Outro, e onde, portanto, é preciso que se invente um saber próprio.

Ora, essa é a posição de destituição subjetiva a que se chega ao final de uma análise, concomitante à destituição de um Sujeito Suposto Saber. Portanto, é uma posição que se refere à passagem de analisando a analista. É a posição que permite ao analista dirigir uma cura, pois ela prescinde do Outro, não espera mais do Outro a resposta sobre seu ser.

Isso significa que o analista não comparece na cura como sujeito, mas “aparece” identificado ao *sinthome* – “aparece” como uma presença na qual a dimensão do saber precisa ser inventada, o que viabiliza o ato analítico. A invenção de um saber não é sinônimo não de gozo, mas de um “saber fazer com” – saber fazer outra coisa com seu “mais de gozar”. E, aí, pode-se lembrar com Lacan, no seu *Seminário 17*: “ao se inventar um saber, perde-se o gozo”. Portanto, não tem sentido falar do “sujeito analista” ou do “ser do analista”: na análise, o analista paga com seu ser¹⁸ !

Para concluir, gostaria de lembrar, ainda, que Lacan encerra sua teorização nos surpreendendo com o esclarecimento que a análise deve curar o sujeito de sua falta-a-ser; que a destituição subjetiva, que ocorre no final da análise, não implica num des-ser do analisando, mas do Outro (o analista = SsS). Para o analista, trata-se, no fim da análise, da identificação com o sintoma – *sinthome* – relativo ao gozo da decifração, que se opõe ao gozo do sentido (*jouie-sens*).

Assim sendo, do campo do significante (do sujeito, do desejo, da fala, da palavra), vai-se para o campo da pulsão¹⁹ (do gozo, da letra, do corpo, da *alíngua*): campo do ISSO NÃO ME FALA MAIS NADA, ou do “não se fala mais d’ ISSO“!

.....

¹⁷ Gozo do Outro, no qual o sujeito busca uma identificação para o seu ser.

¹⁸ Como Lacan já havia colocado desde *A direção da cura e os princípios de seu poder*, em 1958.

¹⁹ O que nos remete ao que Lacan coloca no *seminário 11*, ou seja, *depois da análise*, “a fantasia fundamental se torna a pulsão” (pág.258), ou, “A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão” (pág.259).

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund, *A Sexualidade Feminina* (1931), *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, V. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1972-80.

LACAN, J., *A Direção da Cura e os Princípios de seu Poder* (1958). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

_____ *O Seminário*, livro 5 – *As Formações do Inconsciente* (1957/58). Rio de Janeiro: JZE, 1999.

_____ *O seminário*, livro 10 – *A Angústia* (1962/63), (mimeo).

_____ *O Seminário*, livro 11 – *Os Quatro Conceitos Fundamentais do Inconsciente* (1964). Rio de Janeiro: JZE, 1979.

_____ *O Seminário*, livro 17 – *O avesso da psicanálise* (1969/70). Rio de Janeiro: JZE, 1992.

_____ *O Seminário*, livro 20 – *Mais, ainda* (1972/73). Rio de Janeiro: JZE, 1985.

_____ *O Seminário*, livro 21 – *Os não patos erram* (1973/74), (mimeo).

_____ *O Seminário*, livro 23 – *Le Sinthome* (1976/77), (mimeo).

_____ *O Aturdido* (1972) – Tradução de *L'Étourdit* [Scilicet no.4, Paris, Seuil, 1973] feita pelo *Cartel de Tradução* composto por: Dulce D. Estrada, Maria Lessa de B. Barreto, Paulo Becker e Sergio Becker (+ 1), RJ, 2002.